Análise Social, pp. 2-24

Entre o profissionalismo e a justiça social: o *podcast* Fumaça e a reconfiguração do campo jornalístico português. Este artigo analisa em que medida o meio independente nativo digital Fumaça desafia e reforma o campo jornalístico português. Seguindo o modelo analítico desenvolvido por Summer Harlow para os meios nativos digitais independentes da América Latina, o artigo recorre à teoria da articulação para examinar em que medida o Fumaça articula e rompe com características tanto do jornalismo generalista quanto alternativo. São analisadas seis dimensões – financiamento; profissionalismo; valores noticiosos, práticas e conteúdos; audiências; normas e ideologia; e identidade –, às quais se acrescenta um sétimo critério: a relação com o regime político. Conclui-se que o Fumaça ocupa uma posição liminar face a ambos os ideais-tipo, correspondendo a uma nova forma de jornalismo que desafia e reforma o campo, sem no entanto representar uma rutura.
PALAVRAS-CHAVE: jornalismo alternativo; jornalismo generalista; meios nativo digitais; Fumaça; teoria da articulação.

Between professionalism and social justice: the 'Fumaça' podcast and the reshaping of the Portuguese journalism landscape. This article analyses the what extent the independent digital-native outlet Fumaça challenges and reforms the Portuguese journalistic field. Following the analytical model developed by Summer Harlow for independent digital-native media in Latin America, the article draws on articulation theory to examine the extent to which Fumaça both articulates and breaks with characteristics of mainstream and alternative journalism. Six dimensions are analysed –funding; professionalism; news values, practices and content; audiences; norms and ideology; and identity –, to which a seventh criterion is added: the relationship with the political regime. The article concludes that Fumaça occupies a liminal position in relation to both ideal types, representing a new form of journalism that challenges and reforms the field without, however, constituting a rupture.
KEYWORDS: alternative journalism; mainstream journalism; digital-native media; Fumaça; articulation theory.

https://doi.org/10.31447/39860 | e39860

HELENA AMANTE

Entre o profissionalismo e a justiça social: o *podcast* Fumaça e a reconfiguração do campo jornalístico português

INTRODUÇÃO

A ascensão da internet transformou profundamente o jornalismo, desafiando modelos tradicionais de financiamento e de comunicação e introduzindo estratégias primeiramente digitais (Pavlik, 2021). Cruzando-se com a expansão do neoliberalismo, a revolução digital aprofundou a crise estrutural do jornalismo. A concentração da receita publicitária nas mãos de um número reduzido de plataformas digitais, a subordinação da produção noticiosa a métricas algorítmicas de engajamento, a lógica extrativista de dados comerciais e a aceleração da precarização das condições laborais dos jornalistas têm crescentemente subjugado a lógica democrática do jornalismo à lógica do mercado (Christin, 2020; Napoli, 2019; Pickard, 2020). Neste mesmo contexto, e em parte como resposta a ele, têm surgido iniciativas que procuram utilizar a internet como vetor de democratização da informação. Tirando partido da comunicação bidirecional, da redução dos custos de publicação e da possibilidade de alcançar audiências sem intermediários, os primeiros meios independentes nativos digitais – organizações lançadas em formatos digitais, em vez de como extensão de uma organização de notícias já existente de imprensa escrita, rádio ou televisão – surgiram em meados da década de noventa do século XX (Vázquez-Herrero et al., 2023). Num contexto de profunda crise no jornalismo, marcada pela diminuição das receitas publicitárias e pela crescente comodificação da informação (McChesney e Nichols, 2010), estes projetos têm surgido frequentemente como resposta ao desencanto com a prática jornalística generalista e à crescente concentração editorial. Sendo em diversos casos

criados por jornalistas de meios generalistas afetados por rondas sucessivas de despedimentos (Wahl-Jorgensen et al., 2016), os novos meios digitais têm perseguido a independência através de bolsas filantrópicas, modelos de jornalismo de membros, subscrições e outros mecanismos alternativos (Nicholls, Shabbir e Nielsen, 2016).

A procura destes meios independentes nativos digitais por modelos alternativos ao jornalismo comercial segue uma longa tradição, historicamente associada a abordagens politizadas e ligadas a causas sociais ou políticas. Em Portugal, o livro *Outro jornalismo é possível. Media alternativos em Portugal* examina, a par de projetos atuais, exemplos surgidos ao longo do século XX de meios fora do controlo empresarial e estatal dominante: desde a imprensa comunista e estudantil que circulou clandestinamente durante o Estado Novo, passando pela imprensa feminista que emergiu com a Revolução de Abril, até aos fanzines *underground* dos anos oitenta e noventa, expressão de subculturas que encontraram nos suportes de baixo custo um canal de circulação autónoma (Subtil, Baptista e Matos, 2024). O que distingue os meios nativos digitais atuais não é, portanto, o impulso fundador – esse é recorrente na história do jornalismo –, mas o contexto tecnológico que os possibilitou e as configurações organizacionais e financeiras que têm desenvolvido em resposta a esse contexto.

Em 2024, o projeto Oasis identificou 3238 meios independentes nativos digitais em 68 países (SembraMedia et al., 2024). Em Portugal, foram identificados 22 destes meios, maioritariamente constituídos na última década, entre os quais o Fumaça, a Divergente, o Setenta e Quatro, o Gerador, o Rimas e Batidas, a Afrolink, o Sete Margens, a Artecapital e o Bantumen (SembraMedia et al., 2023).

O Fumaça surgiu em 2016, em Lisboa. Inicialmente um *podcast* amador criado por um grupo de amigos, o então designado É Apenas Fumaça pretendia "escrutinar a democracia, questionar as decisões políticas e ouvir representadas e representados, especialmente as camadas da população que têm menos voz, praticando um jornalismo independente, progressista e dissidente" (Bastos, 2023, p. 140). Em 2018, profissionalizou-se com recurso a uma bolsa de 80 mil euros da Open Society Foundations, tornando-se o primeiro projeto jornalístico português a obter financiamento deste montante por parte de uma fundação e o primeiro a apostar no modelo de jornalismo de membros em Portugal (Amante, 2024).

Projetos como o Fumaça "ousam praticar um outro jornalismo, que não se rende à lógica do mercado, ao controlo dos grandes grupos económicos, à velocidade, ao *press-release*, às notícias curtas, ao *infotainment* e ao *fait-divers*" (Subtil, Baptista e Matos, 2024, p. 9). Tendem, por isso, a ser classificados

como meios alternativos (Antunes, 2023), historicamente definidos pela sua relação de oposição ao jornalismo generalista (Cushion, 2022) e associados à defesa de causas sociais progressistas (Downing, 1984). Este artigo propõe, porém, analisar o Fumaça à luz do trabalho de Summer Harlow (2022), questionando a adequação e a suficiência dessa categorização.

Tendo estudado extensamente meios nativos digitais na América Latina – entre os quais o salvadorenho El Faro, os mexicanos Animal Político e Sopitas, os chilenos CIPER e The Clinic, e o brasileiro Agência Pública –, Harlow defende que estes combinam características tanto do jornalismo alternativo como do generalista, ocupando uma posição liminar entre ambos os ideais-tipo. Desta forma, estes meios jornalísticos desafiam e reformam o campo ao reconfigurar internamente as normas, práticas e expectativas a partir da sua margem (Harlow, 2022). A análise de Harlow é particularmente pertinente num momento em que tanto o jornalismo generalista quanto o alternativo enfrentam críticas crescentes: ao primeiro, pela suposta neutralidade que encobre vieses não assumidos e pela sua proximidade a elites económicas e políticas (Brevini [ed.], 2018; Neimanns, 2023; Schifferes e Knowles, 2023); ao segundo, pela instabilidade financeira, pelo amadorismo e pela fragmentação de audiências, que comprometem a sua influência política (Atton, 2002; Downey e Fenton, 2003).

O presente artigo aplica o modelo de Harlow ao caso Fumaça, acrescentando uma sétima dimensão analítica – a relação com o regime político – que se revela essencial para comparar contextos geopolíticos distintos. Embora existam diferenças relevantes entre Portugal e os países estudados por Harlow, nomeadamente ao nível da liberdade de imprensa e da estabilidade democrática, a análise comparativa no contexto dos meios digitais ibero-americanos não é inédita (Salaverría, 2016).

O artigo estrutura-se do seguinte modo: a segunda secção apresenta o enquadramento teórico e a estratégia metodológica; a terceira secção aplica o modelo analítico ao caso Fumaça; a secção seguinte discute os resultados; e a última secção apresenta as conclusões.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

MEIOS ALTERNATIVOS E GENERALISTAS: DEBATES E LIMITES DAS CATEGORIAS

O presente enquadramento teórico operacionaliza os dois conceitos analíticos centrais a este artigo – jornalismo alternativo e jornalismo generalista – começando por clarificar a definição de jornalismo que lhes é subjacente. O jornalismo é aqui entendido como uma prática profissional que engloba um

conjunto de competências, valores e compromissos éticos orientados para a vida pública e para a democracia (Christians et al., 2009; Kovach e Rosenstiel, 2007). É o jornalismo, e a análise de modelos de jornalismo, que constitui o cerne do artigo, e não a atividade ou modelo dos *media* (organizações que agregam múltiplas atividades produtivas, entre as quais o jornalismo, mas também o entretenimento, a publicidade e outras formas de conteúdo).

Tanto as definições de jornalismo alternativo quanto de jornalismo generalista abundam na literatura, sendo a sua delimitação objeto de debate persistente. A caracterização clássica tende a opor os meios alternativos – estruturas coletivas, democráticas, não hierárquicas, orientadas para a justiça social e o pluralismo – aos meios generalistas – organizações hierárquicas, orientadas para o lucro, que produzem jornalismo profissional segundo práticas estabelecidas e frequentemente acusadas de elitismo (Fuchs, 2010; Hájek e Carpentier, 2015; Holt, Figenschou e Frischlich, 2019). Aplicando a teoria do campo de Bourdieu (1993), os meios alternativos e generalistas podem ser então entendidos através do seu posicionamento em subcampos de produção: respetivamente, meios de produção em pequena escala, maioritariamente autónomos das forças de mercado e focados na obtenção de capital cultural, e meios de larga escala dedicados à produção em escala e orientados para a obtenção de capital económico (Atton e Hamilton, 2008). Enquanto os meios generalistas, à luz da corrente institucionalista, são caracterizados como uma instituição social que deriva a sua legitimidade das suas rotinas padronizadas, da sua dependência de fontes oficiais e dos seus critérios de noticiabilidade (Cook, 1998; Schudson, 2002), os mesmos são também criticados pela subordinação dos imperativos deontológicos da sua prática jornalística aos imperativos de mercado quando integrados em estruturas mediáticas comerciais (Curran, 2011; McChesney, 2004; Pickard, 2020). O jornalismo alternativo, em oposição, é frequentemente caracterizado pela sua rejeição ou subversão das normas da instituição jornalística dominante, nomeadamente pela subversão radical dos modos de produção capitalistas, pela rejeição da objetividade estrita e pela inclusão de vozes subalternizadas (Atton, 2002; Fuchs, 2010).

Paralelamente à definição das categorias por oposição entre si, importa considerar outras distinções na literatura que são pertinentes para a compreensão mais aprofundada do tema. Em primeiro lugar, importa referir que, embora este artigo eleja o termo "alternativo" em representação desse ideal-tipo, existe na literatura uma multiplicidade de termos para designar os meios jornalísticos fora do controlo empresarial. Termos como "independentes", "ativistas", "táticos", "autónomos", "participativos" e "comunitários" procuram sublinhar aspetos específicos de diferentes projetos com um

posicionamento de oposição à imprensa dominante, atestando a dificuldade em capturar numa única categoria a sua diversidade (Subtil, Baptista e Matos, 2024).

Em segundo lugar, importa referir as crescentes críticas a descrições tão dicotómicas entre jornalismo generalista e alternativo. Por um lado, a visão dos meios alternativos como um ideal-tipo de jornalismo mais puro tem sido contestada (Bailey, Carpentier e Cammaerts, 2008), para mais no atual contexto de pluralização de *sites* ditos alternativos no advento da revolução tecnológica, incluindo de extrema-direita (Jeppesen e Petrick, 2018). Por outro lado, vários autores têm proposto que as duas categorias sejam analisadas numa perspetiva de *continuum* ao invés de absoluta oposição (Atton, 2015; Cushion, 2023; Kenix, 2011), reconhecendo a crescente hibridização entre ambas (Harlow, 2021; Holt, Ustad Figenschou e Frischlich, 2019).

A convergência crescente entre os dois campos "sugere a necessidade de repensar, e não abandonar, definições e categorias" (Subtil, Baptista e Matos, 2024, p. 10). A análise de Harlow inscreve-se precisamente nessa reflexão. O uso que faz dos termos "alternativo" e "generalista" enquanto ideais-tipo analíticos, na senda de Rauch (2021), é o instrumento que permite iluminar a posição liminar dos meios independentes nativos digitais, e é essa mesma abordagem que estrutura a análise desenvolvida nas secções seguintes.

MODELO DE ANÁLISE

O modelo analítico aplicado neste artigo fundamenta-se no trabalho de Harlow (2022), que recorre à teoria da articulação (Hall, 1986; Laclau e Mouffe, 1985) para iluminar as fusões e fissuras entre os meios nativos digitais independentes e as categorias de jornalismo generalista e alternativo, considerando o seu contexto, atores, conteúdo, contingências e as forças culturais, económicas e sociopolíticas em que operam. A abordagem de Harlow propõe que estes meios jornalísticos estabelecem articulações e ruturas em relação a ambos os campos, situando-se num novo subcampo que funciona segundo uma *doxa* distinta, desafiando e reformando o próprio jornalismo. Para Harlow, reformar o jornalismo não significa transformar politicamente o sistema, mas reconfigurar internamente as normas, práticas e expectativas do campo a partir da sua margem, numa mudança incremental e situada, distinta tanto da continuidade como da rutura.

O modelo organiza-se em torno de seis critérios: financiamento; profissionalismo; valores noticiosos, práticas e conteúdos; audiências; normas e ideologia; e identidade. Com base nos dados recolhidos no âmbito desta investigação, propõe-se uma sétima dimensão analítica: a relação com o regime político e a visão sobre o papel do Estado no financiamento do jornalismo,

considerada muito pertinente para capturar especificidades do caso português não contempladas no modelo original.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A investigação que serve de base a este artigo é de natureza eminentemente qualitativa e combina diferentes técnicas de recolha de dados, mobilizadas para iluminar as dimensões analíticas do modelo aplicado.

A observação participante constituiu a técnica de recolha de dados primária, envolvendo mais de quarenta visitas à redação do Fumaça, com durações compreendidas entre duas e cinco horas, ao longo de três anos (junho de 2020 a junho de 2023). A observação estendeu-se a eventos públicos do coletivo, nomeadamente duas edições do Festival Política e uma edição do Festival Podes, em Lisboa, e uma deslocação ao Porto no contexto de uma investigação em curso. Esta técnica permitiu aceder às práticas quotidianas da redação, às dinâmicas de tomada de decisão horizontal e às interações entre jornalistas e comunidade.

As entrevistas semiestruturadas em profundidade constituíram a segunda técnica central. Foram realizadas cerca de trinta entrevistas individuais com todos os jornalistas do Fumaça à data da investigação – Ricardo Esteves Ribeiro, Maria Almeida, João Afonso, Pedro Miguel Santos, Margarida David Cardoso, Joana Batista e Nuno Viegas –, com durações compreendidas entre uma e três horas. As entrevistas visaram aprofundar as perceções dos jornalistas sobre as dimensões analíticas em estudo, nomeadamente a sua identidade profissional, os valores que orientam o seu trabalho e a relação com a comunidade e com o Estado.

Realizaram-se igualmente *focus groups* com membros da redação, em momentos específicos da investigação, com o objetivo de estimular a discussão coletiva sobre temas de particular relevância analítica.

Por fim, procedeu-se à análise documental de conteúdos produzidos pela redação – séries jornalísticas, entrevistas, *newsletters*, comunicados e documentos institucionais –, bem como de materiais de arquivo relativos à história e ao funcionamento do projeto. Esta técnica permitiu triangular os dados recolhidos através da observação e das entrevistas, e aceder a dimensões da identidade e das normas do Fumaça que nem sempre são verbalizadas pelos seus membros.

A aplicação do modelo de Harlow aos dados recolhidos seguiu uma lógica de análise interpretativa: para cada uma das sete dimensões, identificaram-se os elementos que articulam o Fumaça com o ideal-tipo do jornalismo generalista, os que o articulam com o ideal-tipo do jornalismo alternativo e os que constituem ruturas com ambos.

ANÁLISE DE DADOS

FINANCIAMENTO

O Fumaça, inicialmente designado É Apenas Fumaça – por referência à frase do então primeiro-ministro Pinheiro de Azevedo, proferida no Verão Quente de 1975 para a multidão que se agitava na sua frente –, nasceu em 2016 por iniciativa de um grupo de amigos na capital lisboeta. Inicialmente um projeto amador, o Fumaça surgiu pela vontade conjunta dos seus membros fundadores, sem contemplar à partida uma estratégia definida, nem tão-pouco um plano de negócios. Inspirada pela onda de *podcasts* que então se implementava um pouco por todo o mundo, e em particular no mundo anglo-saxónico, a equipa gravou e publicou dezenas de entrevistas sem auferir qualquer remuneração, e sem disso ter expectativa alguma. Conforme descreve João Afonso, as atividades desenvolvidas para o Fumaça tinham sempre lugar ao fim do dia, constituindo uma espécie de segundo turno que iniciavam depois dos trabalhos *full-time* com que todos estavam comprometidos. Gradualmente, a equipa, e em particular Ricardo Esteves Ribeiro, foi equacionando possíveis modelos de financiamento para o projeto, de forma a poderem dedicar-se a ele a tempo inteiro e auferindo uma remuneração justa, contrariando o aprofundamento de corrosão das condições laborais dos jornalistas portugueses (Miranda e Gama, 2019). O Fumaça definiu então o modelo de membros, enquanto objetivo último para a viabilização financeira da redação, um modelo que se sustenta a partir de contribuições recorrentes da audiência (o modelo de membros distingue-se do modelo de subscrições pela relação de reciprocidade que se estabelece entre jornalistas e audiência). Foram o primeiro projeto jornalístico a tentar implementar, com algum sucesso, o modelo em Portugal. Ricardo Esteves Ribeiro recorda que, no início, no decurso de algumas conversas com outros jornalistas a fim de aferir a plausibilidade da ideia, foram considerados "loucos". Tendo, no entanto, em conta a difícil implementação do modelo de membros – face à dificuldade de criar uma audiência pagante –, o Fumaça impôs como objetivo concomitante na viabilização do projeto a obtenção de bolsas estruturais por parte de organizações filantrópicas, pelo menos até ao momento em que as contribuições recorrentes do público perfizessem a totalidade do orçamento. O projeto quis também distanciar-se em absoluto do modelo usual do jornalismo, baseado em publicidade, rejeitando a possibilidade de aceitar anúncios enquanto fonte de rendimento, considerando que essa prática condiciona a liberdade editorial.

Em 2018, o projeto recebeu a sua primeira bolsa estrutural, no valor de 80 mil euros, doada pela Open Society Foundations (OSF). Para a obter, a equipa participou em múltiplas reuniões e desenvolveu o seu primeiro plano

de negócios, tendo sido elogiada pela OSF pelo profissionalismo da sua candidatura. Para o sucesso dessa e das candidaturas subsequentes, tem sido de considerar a experimentação de um novo modelo enquanto característica aliciante para as fundações filantrópicas, assim como a conquista de prémios (uma forma importante de distinção e obtenção de capital cultural, para mais porque as fundações que têm apoiado o projeto não são portuguesas e, como tal, terão maior dificuldade em avaliar a qualidade de *podcasts* em língua portuguesa). Desde a primeira candidatura, a agilidade e capacidade de adaptação do projeto têm sido fundamentais para assegurar a sua sustentabilidade financeira. Quando a OSF anunciou o cancelamento do seu programa de apoio ao jornalismo, eliminando as perspetivas de uma nova bolsa estrutural, o Fumaça procurou adaptar-se a esta nova realidade, criando uma base de dados de fundações que potencialmente pudessem apoiar o projeto, revendo e melhorando a sua apresentação, juntando-se a redes internacionais que lhe multiplicassem os contactos nas mais variadas áreas (tais como o Reference), e procurando diversificar as suas fontes de financiamento.

Em junho de 2023, data de conclusão da investigação, o Fumaça dependia de ambas as formas de financiamento – contribuições regulares de membros e bolsas filantrópicas – numa proporção de 50% cada, sensivelmente. É, portanto, relevante ressaltar que o caminho para a sustentabilidade financeira não está ainda garantido, e não tem sido, de todo, um processo simples ou suave. Por diversas vezes, a redação tem emitido comunicados pressagiando o seu fim, em função da falta de fundos. Em toda a sua comunicação, incluindo as *newsletters*, é bem visível o seu apelo à contribuição monetária como forma de viabilização do projeto, assim como o seu caráter sem fins lucrativos. O Fumaça é detido pela Verdes Memórias – Associação, que tem como objetivo único a gestão do Fumaça.

PROFISSIONALISMO

O *podcast* É Apenas Fumaça, precursor do atual Fumaça, surgiu como iniciativa amadora e só mais tarde se profissionalizou. A ideia inicial para o *podcast* partiu de Ricardo Esteves Ribeiro, que à data ocupava um cargo comercial na *start-up* Unbabel e não tinha qualquer credencial jornalística. Sentindo a falta de um *podcast* português na linha daqueles que ouvia, maioritariamente oriundos dos Estados Unidos da América (Democracy Now, The Intercept, In the Dark, etc.), o Ricardo comentou com a então namorada, Maria Almeida, que faziam falta programas do género em Portugal, que olhassem a sociedade a partir de uma perspetiva crítica e ouvissem vozes que habitualmente não tinham espaço na esfera pública. A Maria incentivou-o a fazê-lo ele mesmo. O Ricardo contactou vários amigos para que o ajudassem com a iniciativa, nomeadamente

o João Afonso, que dispunha de material para gravação de áudio. As primeiras entrevistas foram realizadas em casa dos próprios entrevistados, as reuniões de equipa tinham lugar em cafés ou no local de trabalho do Ricardo e da Maria. Em termos concretos, a equipa não contava com um único jornalista profissional: o João Afonso havia frequentado a licenciatura em jornalismo, mas desistiu no último ano do curso para se dedicar à música, enquanto a Maria Almeida, embora tenha concluído a licenciatura em Comunicação Social, vertente jornalismo, na Universidade Nova de Lisboa, não havia chegado a exercer. À data da sua graduação, foi-lhe impossível encontrar estágio num órgão de comunicação social que ela considerasse sério (em Portugal, sem estágio profissional, não é possível obter a carteira de jornalista). A primeira vez que Ricardo Esteves Ribeiro pensou no seu trabalho para o *podcast* enquanto jornalismo foi durante a cobertura de uma manifestação, quando alguém gritou na sua direção: "Ali estão os jornalistas do É Apenas Fumaça." À data, o *podcast* não se apresentava como fazendo jornalismo, embora tenha havido preocupação jornalística desde o início, nomeadamente através da elaboração de guiões de entrevista bem estruturados, fruto de intensa pesquisa, de tal forma que o antigo jornalista da *Visão* Pedro Santos, por ocasião da entrevista que lhe foi feita para debater o trabalho da associação ambientalista GEOTA, da qual era na altura o responsável de comunicação, ficou impressionado com o profissionalismo do projeto. "Foi uma entrevista a sério, com contraditório." Fizeram-lhe perguntas difíceis que questionavam a narrativa da associação, algo infelizmente muito raro – o usual era publicarem *verbatim* os comunicados de imprensa que ele escrevia. Daí a alguns meses, Pedro Santos juntou-se ao projeto, sendo o primeiro jornalista encarteirado da equipa. Com a bolsa estrutural atribuída pela OSF, e a consequente profissionalização do *podcast*, deu-se a progressiva profissionalização dos seus membros e uma crescente preocupação com o rigor da prática jornalística. À semelhança de Pedro Santos, outros elementos se juntaram à equipa com alguma experiência prévia noutras redações (Margarida David Cardoso veio do *Público*, Nuno Viegas do Observador).

À data de conclusão desta investigação, em junho de 2023, todos os jornalistas do Fumaça tinham carteira profissional e professavam a importância do jornalismo feito com ética, deontologia e tempo para pensar, compartilhando entre si os processos de edição e de verificação de factos. A verificação de factos na redação regia-se por um método adaptado a partir da revista norte-americana *The New Yorker*, reconhecida no meio pelo seu extremo rigor (este processo de verificação foi instaurado no fim de 2020, na sequência do desaire público da sua série de investigação A Quinta Dinastia, parcialmente publicada no *Jornal de Negócios*, e que sofreu severas críticas devido a vários erros factuais).

VALORES NOTICIOSOS, PRÁTICAS E CONTEÚDOS

Desde o início, o Fumaça procurou questionar a validade de valores noticiosos que se tornaram endémicos no jornalismo atual. É disso exemplo um parágrafo que a equipa escreveu logo a princípio, em 2016, e que ainda hoje utiliza para descrever o Fumaça em apresentações: "Estávamos a ver os telejornais e eram sempre os mesmos", expressão que sumariza a sua visão sobre a publicação de uma notícia por parte de outros meios enquanto critério noticioso que define a sua relevância. Questionam também a novidade enquanto valor de notícia, e a sua crescente força nos vários meios, conforme captado nas palavras de Margarida David Cardoso: "O fenómeno do «ao minuto» que anteriormente era monopólio da televisão, aqueles diretos inúteis que ainda persistem, foram também reclamados pelos jornais e pelos *sites*." São igualmente críticos do progressivo cruzamento entre o que é jornalismo e o que constitui opinião. Nas palavras de Joana Batista: "Ter uma cara conhecida como, por exemplo, a Clara Não a escrever no *Expresso,* ou outra figura pública, é um fenómeno cada vez mais frequente, e que se mistura cada vez mais com o que é uma peça jornalística."

Nas suas práticas, valorizam o jornalismo de investigação feito com tempo. Utilizam o *podcast* por lhe reconhecerem uma capacidade particular de estabelecer uma ligação com os entrevistados, permitindo uma janela para as suas motivações e anseios, conforme explica Ricardo Esteves Ribeiro, a partir de uma frase da jornalista Amy Goodman (do *podcast* Democracy Now): "Quando ouves alguém falar não interessa se concordas, mas há uma barreira que cai. É diferente ouvir a voz de uma pessoa ou ser um jornalista a transcrevêla, sem os gaguejos, os silêncios, os choros. Consegues entender uma série de coisas que não entenderias de outra maneira." Apesar de ter iniciado atividade com entrevistas a homens amplamente reconhecidos na sociedade portuguesa – o político Rui Tavares e o jornalista Daniel Oliveira –, o projeto procura ouvir vozes com menos visibilidade na esfera pública e mediática, incluindo testemunhos de pessoas da comunidade LGBTQ+, habitantes de bairros periféricos e marginalizados, trabalhadores do sexo, pessoas racializadas, etc. Procuram oferecer várias visões sobre um mesmo tema, incorporando vozes com experiências diferentes de um mesmo tópico (nomeadamente, numa série sobre violência policial, ouvindo polícias e pessoas que sofreram violência policial). Procuram oferecer contranarrativas às versões dominantes na sociedade, e o seu trabalho apela à reflexão e à mudança. Os seus principais trabalhos de investigação são: Palestina, histórias de um país ocupado, onde contam "a história de uma ocupação através das vozes de quem lhe resiste"; Dá-lhe Gás, sobre a controvérsia em torno dos furos de prospeção de gás natural em Aljubarrota

e na Bajouca; Aquilo é a Europa, no qual abordam "os muros que a Europa construiu para que imigrantes e refugiados ficassem de fora"; A Serpente, o Leão e o Caçador, sobre alterações climáticas e as deslocações forçadas a que obriga; Exército de Precários, acerca do ramo da segurança privada, "um sector de precariedade extrema e violência sistémica, largamente financiado pelo Estado"; e Desassossego, sobre saúde e doença mental, onde vão "das experiências pessoais à política, das promessas à prática".

AUDIÊNCIAS

No seu caminho para a sustentabilidade financeira, o Fumaça definiu o estabelecimento de um bem-sucedido modelo de jornalismo de membros como principal meta. Um modelo de membros é um modelo económico, na medida em que visa que seja a audiência a pagar pelo jornalismo através de contribuições recorrentes, mas difere de um modelo de subscrições pela forma como entende a relação com a mesma audiência, ou, para usar a terminologia definida pelo modelo, a comunidade. Segundo o *site* do Membership Puzzle Project – uma iniciativa já extinta que nasceu pela mão da Universidade de Nova Iorque em colaboração com o projeto jornalístico holandês *De Correspondent,* com o objetivo de estudar, esclarecer e apoiar o ecossistema de projetos jornalísticos com este modelo –, "um programa de membros consiste num contrato social entre um meio de comunicação e os seus membros, no qual estes doam tempo, dinheiro, energia, experiência e conexões para apoiar uma causa na qual acreditam. Em troca, o meio de comunicação oferece transparência e oportunidades que contribuem de modo significativo tanto para a sustentabilidade quanto para o impacto da organização" (Zirulnick, Goligoski e Rosen, 2021). Desta forma, um meio de comunicação social que se rege por este modelo "vê nos seus leitores e ouvintes muito mais do que uma fonte de rendimento. Os membros são contribuintes ativos" (Zirulnick, Goligoski e Rosen, 2021). O *site* esclarece ainda que este modelo permite, através da relação com a audiência, responder não apenas à questão da sustentabilidade mas também contrariar a crise de confiança que assola o sector. Ainda segundo o Membership Puzzle Project, a associação entre um modelo de membros em jornalismo e um movimento social expressa-se pela capacidade que ambos devem ter em "fazer com que as pessoas se sintam parte de uma solução para os problemas que afligem o mundo", assim como saberem "escutar, testar e interessarse por aquilo que os membros valorizam" e instigarem à celebração da "individualidade das pessoas enquanto, ao mesmo tempo, propiciam que elas se sintam conectadas a algo maior do que elas próprias". A construção da relação com a audiência é, portanto, um aspeto central no jornalismo de

membros, e o Fumaça tem apostado em diversas estratégias para cimentar essa relação.

Segundo se pode ler no *site* do projeto, o Fumaça "compromete-se a ouvir o seu público e a dar espaço à discussão participada pela comunidade na construção do seu jornalismo". Para tal, a equipa solicita informações à própria comunidade, enviando *emails* com perguntas acerca de experiências potencialmente relevantes para as investigações em curso (experiência como polícia ou enquanto indivíduo que sofreu violência policial, no caso de uma série sobre violência policial; experiência de doença mental, no caso de uma série sobre o tema). Em 2020, o coletivo organizou uma campanha de *crowdfunding* em torno de ideias de investigação a perseguir pela redação, nas quais o público podia "votar" através da sua contribuição, tendo sido apoiadas três investigações, "Mulheres esquecidas. Um ar que se lhes deu", "Presos e prisões. Com que direito?" e "Bairros PERdidos", com um valor total de 20 mil euros, à data o mais alto valor arrecadado por uma redação numa campanha de *crowdfunding* em Portugal. O projeto criou espaços de partilha, como o canal de Slack da comunidade, onde os membros trocam ideias, dúvidas e sugestões, ou a iniciativa Ask Me Anything, designada segundo a terminologia inglesa que se vulgarizou para nomear conversas em que um especialista num tema responde a questões do público, e que acontece periodicamente, através da plataforma Zoom. Outra rubrica de partilha regular dá pelo nome de Inquietações, que consiste no "clube de discussão do Fumaça, exclusivo para quem faz parte da comunidade. Não é uma peça jornalística nem uma sessão em que se convida quem já sabe do assunto para responder a perguntas. É um espaço seguro e fechado onde podemos discutir o que nos inquieta e vai na alma". O tom coloquial que se pode intuir na definição *supra*, retirada de uma *newsletter* do projeto, incluindo o tratamento por tu, é também ele uma tentativa de se aproximar do público. As *newsletters* usam o mesmo tom, patente em títulos como "Quero confessar-te uma coisa". As visitas à redação em Arroios (Lisboa), que ocorrem normalmente uma vez por mês, à sexta-feira ao fim da tarde, constituem outra tentativa de contacto direto com a audiência. Com uma frequência esporádica, são organizadas sessões para ouvir em grupo as séries produzidas pelo coletivo, seguidas de uma discussão aberta.

Apesar da tentativa de estabelecer uma relação próxima com a audiência, e da integração ocasional da experiência de ouvintes no seu trabalho (a título de exemplo, os prólogos, ou testemunhos, que dão início à série Desassossego, sobre saúde mental, são resultado da abertura de membros da comunidade para partilharem a sua história, na sequência do apelo lançado pela redação), o Fumaça não cria espaço para o designado jornalismo cidadão, ou *citizen journalism*.

NORMAS E IDEOLOGIA

Tal como é frequentemente o caso em modelos de jornalismo de membros, o conteúdo produzido pelo Fumaça é de livre acesso e de republicação gratuita. Isso deve-se à crença partilhada pela redação de que o jornalismo é um bem público, que deve ser de acesso público, e não exclusivo àqueles que o possam pagar. A redação não assume uma ideologia política, ainda que, segundo um dos membros da equipa, Nuno Viegas, a inclinação seja claramente à esquerda, nomeadamente a nível da escolha dos temas e ângulos de análise. O Fumaça assume-se, no entanto, como "progressista. Acredita na liberdade, na garantia de vida digna e na ambição coletiva de corrigir desequilíbrios e desigualdades. Quer escrutinar e desafiar sistemas de opressão. É livre de tomar posições políticas coletivas em matérias consensuais numa redação que se quer heterogénea e discordante". A redação trabalha de forma horizontal. A designação de um diretor foi, segundo a redação, um formalismo ditado pela obrigatoriedade do procedimento para o reconhecimento enquanto órgão de comunicação social pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). No entanto, o Fumaça esclarece no seu *site* que "são as pessoas que para este trabalham a decidir horizontalmente os destinos do órgão de comunicação social. É coletiva a responsabilidade editorial e operacional". A equipa assume que a horizontalidade torna desafiantes e morosos os processos de decisão, mas que é uma norma fundamental para o seu funcionamento. Joana Batista realça o carácter transformador da horizontalidade: "Mudou a minha perspetiva do mundo, olho para as coisas de forma diferente." Ricardo Esteves Ribeiro destaca o caráter pouco usual desta opção: "Sempre que nós nos juntamos a redes de outras redações, somos a única que trabalha horizontalmente." A redação não professa a neutralidade, antes "assume de maneira clara as suas subjetividades e expõe os seus conflitos de interesse". O Fumaça procura, inclusivamente, trazer o conceito e as limitações da neutralidade para debate, conforme aconteceu numa das edições do seu clube de discussão com a comunidade (Inquietações), anunciada em *newsletter* com o título "Quando gritar com um entrevistado?", e onde partilhou experiências de bastidores a propósito da série Exército de Precários. A propósito da sua ira aquando de uma entrevista para a série, na qual os entrevistados "falavam de atirar um homem para uma linha de comboio ao pontapé, ou lançar outro pelas escadas de pedra da estação de Campanhã, no ângulo morto das câmaras", Nuno Viegas perguntava: "Não será mais transparente, mais ético, mostrar o que se pensa sobre uma notícia, o que se sente sobre uma entrevista? De que serve fingir ser objetivo?" A transparência é um conceito que surge regularmente na boca da equipa. Conforme está escrito no *site* do projeto, o Fumaça "ambiciona à transparência radical

editorial e operacional". O coletivo divulga de onde vem e para onde vai o seu dinheiro, através da publicação no *site* dos seus relatórios de contas. O Fumaça publica também os contratos com as fundações filantrópicas que o apoiam. A autorização da divulgação pública destes contratos é, aliás, condição *sine qua non* para a aceitação das bolsas. Como afirma Ricardo Esteves Ribeiro: "Só aceitámos a bolsa da Stichting Limelight Foundation quando nos deram permissão para publicar o contrato, ainda que sem esse apoio tivéssemos de despedir pessoas, ou de as passar a regime de *parttime*." Ainda segundo Esteves Ribeiro, o facto de a equipa ser consistente e fiel aos seus princípios é também um dos fatores de sucesso na sua relação com a comunidade.

IDENTIDADE

A identidade do Fumaça está fortemente ligada ao conceito de independência, tanto financeira quanto editorial, assim como à valorização do bem público acima de ganhos económicos. Apesar de afirmar nos seus valores que é "progressista"; que "acredita na liberdade, na garantia de vida digna e na ambição coletiva de corrigir desequilíbrios e desigualdades"; e que "quer escrutinar e desafiar sistemas de opressão", o Fumaça procura distanciar-se do rótulo ativista e consolidar uma imagem de profissionalismo. Nas palavras de João Afonso: "É um combate que nós e mais pessoas vamos ter: considerarem qualquer proposta de jornalismo alternativo não pelo seu foco na atividade jornalística, mas na ótica da defesa dos valores da sociedade. É claro que isso nos preocupa, mas em primeiro lugar fazemos jornalismo." João Afonso mostra-se desagradado pelo facto de o coletivo ser convidado a participar em manifestações enquanto ativista, "como se fosse um grupo do Bloco de Esquerda". Por outro lado, Nuno Viegas acredita que o jornalismo é inerentemente em parte ativista, mas preocupa-se com a "pureza ideológica" que é exigida ao Fumaça: "A pior consequência da exigência de pureza ideológica do Fumaça e da noção de participação ativista – e eu acho que o jornalismo em parte é ativista – preocupame mais pela questão de afastar o público de direita."

A sua identidade assenta também na ideia de ser dissidente, conforme é expresso na seguinte frase: o Fumaça "defende a necessidade de ir para lá da agenda mediática vigente, de criar alternativas às estruturas jornalísticas tradicionais no financiamento, práticas editoriais e laborais, e modelos de organização."

RELAÇÃO COM O REGIME POLÍTICO

O Fumaça vê o jornalismo como um bem público que deve ser acessível a todos, e que, enquanto tal, deve ter apoio público. Durante o discurso que o

Fumaça levou à conferência "Financiamento dos *media*", organizada pelo Sindicato dos Jornalistas na Cidadela de Cascais em dezembro de 2019, Ricardo Esteves Ribeiro afirmou: "Não será com certeza o Estado a resolver, por si, o problema do jornalismo, mas terá de ser parte da solução." O Fumaça, em conjunto com outras redações independentes tais como a Divergente (revista digital de jornalismo narrativo com a qual o Fumaça partilha o espaço de trabalho), tem organizado diversas iniciativas no sentido de promover diferentes políticas públicas para o jornalismo independente, nomeadamente reuniões com responsáveis políticos e elaboração de *papers*, salientando que as políticas públicas em questão visem o jornalismo em específico, e "não o sector da comunicação social *lato sensu*, que congrega inúmeras formas de se expressar e apresentar às populações, mas não se limita ao jornalismo nem à produção de informação mediada, verificada e feita por profissionais". Entre as medidas que procuram veicular encontram-se: a criação de uma nova categoria de pessoas coletivas com regime especial de utilidade pública específica para organizações jornalísticas; e a reativação do Instituto da Comunicação Social, que centralize os apoios públicos a conceder aos órgãos de comunicação social com uma maior eficiência e transparência, e que atribua tanto bolsas de apoio à produção individual quanto bolsas de apoio à produção de longa duração.

O Fumaça critica o posicionamento de meios de comunicação generalista na sua proclamada recusa da subvenção pública, citando vários diretores de órgãos de comunicação social nessa mesma intervenção em Cascais: "«Obviamente que toda a gente recusa o financiamento direto do Estado», disse Mafalda Anjos, diretora da *Visão* e *publisher* na Trust in News; «Era o que faltava ter o Estado a financiar órgãos de comunicação social. Já pagamos para bancos e ainda íamos pagar por jornais», disse Mário Ramires, administrador e diretor do *i* e do *Sol*; «Sou totalmente contra o financiamento direto dos órgãos de comunicação social, vejo isso com cinismo e desconfiança», disse Ricardo Costa, diretor geral de informação do Grupo Impresa; «Estamos todos de acordo que um financiamento é absolutamente indesejável, toda a gente sabe que não há almoços grátis», disse o diretor do *Público*, Manuel Carvalho." O Fumaça reforça também que a recusa dos meios generalistas em debater o tema prejudica o desenvolvimento de soluções transparentes e eficazes: "Se rejeitarmos à partida esta possibilidade, não chegaremos sequer a discutir como desenhar regras que impeçam a interferência editorial; como condicionar quem recebe financiamento a oferecer condições dignas aos seus trabalhadores; como garantir que existe transparência nas estruturas que mandam nestes projetos e em como este dinheiro é utilizado; como criar organismos independentes de coordenação e execução destas políticas e como aprender com os erros feitos no passado em instituições com linhas de financiamento

público, como os apoios às artes e à cultura da DGArtes, ou os apoios às PME do IAPMEI."

O financiamento do jornalismo é, no entanto, apenas um dos muitos temas em que o Fumaça interpela a responsabilidade do Estado no agravamento ou na resolução de problemas. Esse questionamento é por demais evidente nas suas séries de investigação Exército de Precários e Desassossego. Na primeira, sobre a segurança privada, o coletivo convida à reflexão sobre a responsabilidade do Estado nas condições em que a mesma se pratica e as consequências que isso acarreta, sendo o Estado um dos principais requerentes dos serviços que opta por subcontratar. Na segunda, o *podcast* mergulha na crise de saúde mental para questionar as responsabilidades do Estado na sua gestão e agravamento, relembrando promessas feitas e nunca cumpridas.

DISCUSSÃO

No que concerne ao financiamento, a ausência de um plano de negócios à data de criação do Fumaça, assim como a sua dependência em relação a bolsas filantrópicas e a sua recusa de publicidade articulam-se com o ideal-tipo do jornalismo alternativo, de pequena escala, acometido pelos desafios da sustentabilidade e da escalabilidade, e avesso à obtenção de lucro. O Fumaça está, no entanto, consciente da necessidade de ser autossustentável, e que apenas essa condição pode assegurar a remuneração justa dos seus trabalhadores, rejeitando a precariedade que é cada vez mais característica de todo o jornalismo, aspeto que critica tanto no jornalismo alternativo quanto no generalista. Por outro lado, o Fumaça articula-se com o jornalismo generalista pela acumulação de capital simbólico inerente à conquista de prémios nacionais e internacionais, que lhe confere um prestígio que não é comummente associado ao jornalismo alternativo, o qual é frequentemente desvalorizado pelo seu amadorismo.

Relativamente ao profissionalismo, o projeto Fumaça, inicialmente composto por amadores, a princípio articulava-se com o ideal-tipo do jornalismo alternativo. A evolução do projeto ditou uma crescente profissionalização por parte da redação, quer através da formação de elementos já presentes na equipa quer através da contratação de jornalistas provenientes de outras redações. A adesão a processos exigentes de edição e verificação de factos, assim como a valorização da ética e da deontologia, aproxima-os do ideal-tipo do jornalismo generalista, do qual no entanto são críticos, questionando o rigor com que tais práticas e valores são cumpridos na maioria das redações.

Em termos de valores noticiosos, práticas e conteúdos, o Fumaça articula-se com o ideal-tipo do jornalismo alternativo, privilegiando vozes menos representadas na sociedade e procurando oferecer contranarrativas a visões

hegemónicas. A sua desarticulação com o ideal-tipo do jornalismo generalista nestes aspetos é expressa nas críticas que emitem face aos valores noticiosos privilegiados por aquele, assim como à sua proximidade a elites económicas e políticas. Ainda relativamente a este aspeto, acresce que o Fumaça publica com pouca frequência e sem procurar acompanhar o ciclo mediático que tipicamente rege o jornalismo generalista, o que uma vez mais o aproxima do ideal-tipo do jornalismo alternativo.

A forma como o Fumaça perceciona a sua audiência, a par do modo como se procura relacionar com a mesma, aproxima-se do ideal-tipo do jornalismo alternativo: uma relação de proximidade, não hierárquica, vocacionada para a partilha e o fomento de relações interpessoais, em desarticulação com o ideal-tipo do jornalismo generalista, que estabelece uma relação de superioridade para com a sua audiência, segundo uma hierarquia estabelecida e uma comunicação unidirecional, com pontos de contacto mínimos entre jornalista e leitor/ouvinte. No entanto, o Fumaça distancia-se do ideal-tipo do jornalismo alternativo na forma como integra a contribuição da audiência, mantendo o *gatekeeping* típico do jornalismo generalista.

No âmbito das normas e da ideologia, ao assumir a ambição coletiva de corrigir desequilíbrios e desigualdades, e ao querer escrutinar e desafiar sistemas de opressão, o Fumaça articula-se com o ideal-tipo do jornalismo alternativo que se posiciona em defesa dos direitos humanos e da justiça social. A sua recusa do conceito de neutralidade constitui uma desarticulação com o ideal-tipo do jornalismo generalista, e inclusivamente uma crítica do mesmo, uma vez que o Fumaça defende que a suposta neutralidade constitui um encobrimento de um viés não assumido. Por outro lado, o Fumaça não assume diretamente um posicionamento político de esquerda, contrariamente ao que acontece no ideal-tipo do jornalismo alternativo.

No aspeto da identidade, o Fumaça desarticula-se tanto do ideal-tipo do jornalismo alternativo quanto do generalista. Por um lado, o coletivo recusa o rótulo ativista tipicamente associado ao jornalismo alternativo, embora reconheça que existe, em alguma medida, um caráter ativista na própria prática do jornalismo. Ao mesmo tempo, o projeto é crítico do ideal-tipo de jornalismo generalista, vendo-se antes como um reformador do sistema, conforme é expresso na sua intenção de "criar alternativas às estruturas jornalísticas tradicionais no financiamento, práticas editoriais e laborais, e modelos de organização".

Para além dos dados recolhidos respeitantes às categorias definidas por Harlow no seu modelo de análise, registaram-se outros dados considerados pertinentes para estabelecer articulações e ruturas entre o Fumaça e os ideais-tipo tanto alternativo como generalista.

Assim, acrescenta-se ao estudo um sétimo critério considerado relevante para a análise: a relação com o regime político e a visão sobre o papel do Estado. Enquanto os meios analisados por Harlow na América Latina tendem a objetar à ideia de qualquer subvenção pública, dada a sua visão do Estado enquanto clientelista, corrupto e de cariz autocrático, o Fumaça vê como fundamental o apoio do Estado ao jornalismo independente. Por outro lado, os meios latino-americanos analisados aceitam com frequência publicidade enquanto parte da sua estratégia de financiamento, algo que o Fumaça recusa. Embora qualquer dos meios veja como problemática a ligação entre poder corporativo e elites económicas e políticas, a forma como concebem os apoios considerados legítimos para a manutenção da sua independência difere. Assim, enquanto a recusa de apoios estatais e a desconfiança face ao Estado constituem uma articulação entre os meios independentes nativos digitais na América Latina e o ideal-tipo do jornalismo alternativo, o Fumaça desarticula-se desse ideal pela defesa de propostas de políticas públicas que o apoiem, dadas as devidas salvaguardas para impedir a interferência editorial. Por outro lado, tanto os meios independentes nativos digitais da América Latina quanto o Fumaça se desarticulam dos meios generalistas da sua região no que concerne ao apoio público, mas por motivos opostos: enquanto a recusa em aceitar dinheiro estatal distancia os meios independentes nativos digitais da América Latina daquilo que percecionam ser o clientelismo do jornalismo generalista na sua região, a recetividade do Fumaça ao apoio direto público afasta-o das atitudes professadas pelos meios generalistas em Portugal. Esta nova dimensão é, portanto, de particular relevância para tornar o modelo de análise mais adaptado a realidades distintas da América Latina, e considerando diferentes regimes políticos.

Considerando a análise das seis categorias criadas por Harlow, às quais se acrescenta a relação com o regime político, concluiu-se que o Fumaça estabelece articulações e ruturas em relação tanto ao campo generalista quanto alternativo, à semelhança dos meios independentes nativos digitais da América Latina.

CONCLUSÃO

O Fumaça estabelece articulações e ruturas em relação tanto ao campo generalista quanto ao alternativo, nomeadamente pelo compromisso simultâneo entre profissionalismo – tipicamente associado ao jornalismo generalista – e justiça social – tipicamente associada ao jornalismo alternativo. Situa-se, assim, num novo subcampo jornalístico, funcionando segundo uma *doxa* distinta e desafiando expetativas sobre o que o jornalismo deveria ser. A sua posição

liminar e a experimentação de novas formas de organização, financiamento e relação com a audiência constituem contributos relevantes para o alargamento do campo do possível no jornalismo.

No entanto, embora o Fumaça reforme o campo jornalístico no sentido de reconfigurar internamente normas, práticas e expectativas, segundo a conceção de Harlow e à semelhança dos meios por si analisados na América Latina, este projeto jornalístico enfrenta constrangimentos que limitam o seu impacto no campo. Em primeiro lugar, a sua incapacidade até à data de viabilizar o modelo de financiamento comunitário desejado coloca o projeto numa situação vulnerável. Embora seja o mais bem-sucedido exemplo de modelo de membros em Portugal, o Fumaça permanece, à data da conclusão desta investigação, dependente em partes aproximadamente iguais de contribuições de membros e de bolsas filantrópicas. O encerramento do Setenta e Quatro, em março de 2024, é demonstrativo da dificuldade de viabilizar o modelo de membros no país. Em segundo lugar, a publicação cada vez menos frequente – uma série por ano, ou menos, em vez das entrevistas semanais dos primeiros anos – limita o potencial da redação para conquistar uma influência política significativa. Em terceiro lugar, a horizontalidade organizacional, embora seja valorizada pela equipa como princípio fundamental, revela-se de difícil implementação para além de redações de pequena escala.

A análise realizada ao Fumaça revela similaridades significativas com os meios estudados na América Latina por Harlow, o que aponta para a emergência de um fenómeno que transcende o território latino-americano e tem expressão num diferente contexto geográfico e político. No entanto, o estudo identificou uma diferença significativa entre os casos: em função de uma diferente relação com o regime político, fruto de diferentes contextos histórico-políticos, o Fumaça revela uma abertura ao financiamento público em claro contraste com a posição dos meios latino-americanos estudados por Harlow. Esta sétima dimensão de análise introduzida nesta investigação, com consequências diretas para os modelos de sustentabilidade, constitui um contributo significativo para o alargamento do modelo de Harlow a realidades fora da América Latina.

Considerando o apelo do Fumaça e de outros meios jornalísticos independentes em Portugal ao apoio público do jornalismo, e tendo em conta que a sustentabilidade financeira permanece o principal desafio à sua subsistência e consolidação, futuros caminhos de investigação poderão aprofundar os argumentos a favor e contra a atribuição do estatuto de utilidade pública a organizações jornalísticas sem fins lucrativos, bem como examinar os mecanismos de financiamento público do jornalismo independente em Portugal e na Europa, e as salvaguardas necessárias para impedir a interferência editorial.

BIBLIOGRAFIA

AMANTE, H. (2024), *Pequenas Resistências: Ideias sobre Jornalismo, Utopias e Amor Público*, Lisboa, Gradiva.

ANTUNES, B. F. O. (2023), *Os Papéis Jornalísticos dos* Media *Alternativos Digitais em Portugal:* Divergente*,* Fumaça *e* Setenta e Quatro*, Estudo de Caso Comparado*. Dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa. https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/40091.

ATTON, C. (2002), *Alternative Media*, Thousand Oaks, CA, SAGE.

ATTON, C. (ed.) (2015), *The Routledge Companion to Alternative and Community Media*, Londres, Routledge. https://doi.org/10.4324/9781315717241.

ATTON, C., HAMILTON, J. F. (2008), *Alternative Journalism*, Londres, Sage.

BAILEY, O. G., CARPENTIER, N., CAMMAERTS, B. (2008), *Understanding Alternative Media*, Londres, Open University Press.

BASTOS, H. (2023), *História do Ciberjornalismo em Portugal: Os Primeiros Vinte e Cinco Anos*, Covilhã, LabCom Comunicação & Artes.

BOURDIEU, P. (1993), *The Field of Cultural Production. Essays on Art and Literature*, Cambridge, Polity Press.

BREVINI, B. (ed.) (2018), *Climate Change and the Media. Volume 2*, Lausana, Peter Lang.

CHRISTIANS, C., GLASSER, T., MCQUAIL, D., NORDENSTRENG, K., WHITE, R. (2009), *Normative Theories of the Media: Journalism in Democratic Societies*, Champaign, IL, University of Illinois Press.

CHRISTIN, A. (2020), *Metrics at Work: Journalism and the Contested Meaning of Algorithms*, Princeton, NJ, Princeton University Press.

COOK, T. (1998), *Governing with the News: The News Media as a Political Institution*, Chicago, IL, University of Chicago Press.

CURRAN, J. (2011), *Media and Democracy*, Londres, Routledge.

CUSHION, S. (2022), "UK alternative left media and their criticism of mainstream news: analysing the canary and evolve politics". *Journalism Practice*, 16 (8), pp. 1695-1714. https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1882875.

CUSHION, S. (2023), *Beyond Mainstream Media: Alternative Media and the Future of Journalism*, Londres, Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003360865.

DOWNEY, J., FENTON, N. (2003), "New media, counter publicity and the public sphere". *New Media & Society*, 5 (2), pp. 185-202. https://doi.org/10.1177/1461444803005002003.

DOWNING, J. (1984), *Radical Media: The Political Experience of Alternative Communication*, Boston, MA, South End Press.

FUCHS, C. (2010), "Alternative media as critical media". *European Journal of Social Theory*, 13 (2), pp. 173-192. https://doi.org/10.1177/1368431010362294.

HÁJEK, R., CARPENTIER, N. (2015), "Alternative mainstream media in the Czech Republic: Beyond the dichotomy of alternative and mainstream media". *Continuum*, 29 (3), pp. 365--382. https://doi.org/10.1080/10304312.2014.986061.

HALL, S. (1986), "On postmodernism and articulation: an interview with Stuart Hall". *Journal of Communication Inquiry*, 10 (2), pp. 45-60. https://doi.org/10.1177/019685998601000204.

HARLOW, S. (2021), "A new people's press? Understanding digital-native news sites in Latin America as alternative media". *Digital Journalism*, 10 (8), pp. 1322-1341. https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1907204.

HARLOW, S. (2022), *Digital-Native News and the Remaking of Latin American Mainstream and Alternative Journalism*, Londres, Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003152477.

HOLT, K., USTAD FIGENSCHOU, T., FRISCHLICH, L. (2019), "Key dimensions of alternative news media". *Digital Journalism*, 7 (7), pp. 860-869. https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1625715.

JEPPESEN, S., PETRICK, K. (2018), "Toward an intersectional political economy of autonomous media resources". *Interface: A Journal for and about Social Movements,* 10 (1-2), pp. 8-37.

KENIX, L. J. (2011), *Alternative and Mainstream Media: The Converging Spectrum*, Londres, Bloomsbury Publishing Plc.

KOVACH, B., Rosenstiel, T. (2007), *The Elements of Journalism*, Nova Iorque, NY, Three Rivers Press.

LACLAU, E., MOUFFE, C. (1985), *Hegemony and Socialist Strategy: To a Radical Democratic Politics*, Londres, Verso.

MCCHESNEY, R. W. (2004), *The Problem of The Media: U.S. Communication Politics in the Twenty-first Century*, Nova Iorque, NY, Monthly Review Press.

MCCHESNEY, R. W., NICHOLS, J. (2010), *The Death and Life of American Journalism: The Media Revolution that Will Begin the World Again*, Nova Iorque, NY, Nation Books.

MIRANDA, J., GAMA, R. (2019), "Os jornalistas portugueses sob o efeito das transformações dos media. Traços de uma profissão estratificada". *Análise Social*, 54 (230), pp. 154-177. https://doi.org/10.31447/AS00032573.2019230.07.

NAPOLI, P. (2019), *Social Media and the Public Interest: Media Regulation in the Disinformation Age*, Nova Iorque, NY, Columbia University Press.

NEIMANNS, E. (2023), "Welfare states, media ownership and attitudes towards redistribution". *Journal of European Public Policy*, 30 (2), pp. 234-253. https://doi.org/10.1080/13501763.2021.1986117.

NICHOLLS, T., SHABBIR, N., NIELSEN, R. K. (2016), "Digital-born news media in Europe". *In Reuters Institute for the Study of Journalism: Digital News Reports*, Oxford, Reuters Institute for the Study of Journalism.

PAVLIK, J. V. (2021), *Disruption and Digital Journalism: Assessing News Media Innovation in a Time of Dramatic Change*, Londres, Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003111788.

PICKARD, V. (2020), *Democracy without Journalism? Confronting the Misinformation Society*, Oxford, Oxford University Press.

RAUCH, J. (2021), *Resisting the News: Engaged Audiences, Alternative Media, and Popular Critique of Journalism*, Londres, Routledge.

SALAVERRÍA, R. (2016), *Ciberperiodismo en Iberoamérica*, Madrid, Fundación Telefónica y Editorial Ariel.

SCHIFFERES, S., KNOWLES, S. (2023), *The Media and Inequality*, Londres, Routledge.

SCHUDSON, M. (2002), "The news media as political institutions". *Annual Review of Political Science*, 5 (1), pp. 249-269. https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.5.111201.115816.

SEMBRAMEDIA, GEELS, K., CIOBANU, M., WARNER, J., BREIMER, S., LAFONTAINE, D. (2023), *Project Oasis: A Research Project on the Trends, Impact and Sustainability of Independent Digital Native Media in more than 40 Countries in Europe*.

SEMBRAMEDIA, WARNER, J., DEL CAMPO, A. M., VANHOOZER, N., CIRELLI, N., LAFONTAINE, D., BREINER, J. (2024), *Global Project Oasis: A Study of the Impact, Innovation, Threats, and Sustainability of Digital Native Media in more than 65 countries*.

SUBTIL, F., BAPTISTA, C., MATOS, J. N. (2024), *Outro Jornalismo É Possível. Media Alternativos em Portugal*, Lisboa, Outro Modo.

VÁZQUEZ-HERRERO, J., NEGREIRA-REY, M.-C., LÓPEZ-GARCÍA, X. (2023), "Research on digital native media: An emerging topic in the field of digital communication". *El Profesional de La Información*, 32 (2). https://doi.org/10.3145/epi.2023.mar.02.

WAHL-JORGENSEN, K., WILLIAMS, A., SAMBROOK, R., HARRIS, J., GARCIA-BLANCO, I., DENCIK, L., CUSHION, S., CARTER, C., ALLAN, S. (2016), "The future of journalism". *Journalism Studies*, 17 (7), pp. 801-807. https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1199486.

ZIRULNICK, A., GOLIGOSKI, E., ROSEN, J. (2021), *Definindo o que é um programa de membros*. The Membership Guide. https://portugues.membershipguide.org/handbook.

Recebido 01-09-2025. Aceite para publicação a 30-09-2026.

AMANTE, H. (2026), "Entre o profissionalismo e a justiça social: o *podcast* Fumaça e a reconfiguração do campo jornalístico português". *Análise Social*, 261, LXI (4.º), e39860. https://doi.org/10.31447/39860.

Helena Amante » helenaamante@phd.iseg.ulisboa.pt » Centro de Estudos Internacionais, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa » Avenida das Forças Armadas, 40, Edifício 4, Sala B1.131 — 1649-026 Lisboa, Portugal » https://orcid.org/0009-0006-4041-9852.